

Os contos “Mister Curitiba” e “O cobrador” – notas sobre a censura durante a Ditadura Militar

Sandra Reimão

Universidade Metodista de São Paulo (UMESP) e Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

Resumo: Esse texto aborda um caso não muito conhecido de censura à imprensa durante a Ditadura Militar: a proibição da publicação, em duas ocasiões, dos contos vencedores de *Concursos Status de Literatura Erótica Brasileira*. Tratava-se dos contos “Mister Curitiba”, de Dalton Trevisan, vencedor em 1976, e “O Cobrador”, de Rubem Fonseca, vencedor em 1978. A revista *Status* adotou atitudes diferentes frente a essas proibições. Esse texto resgata a história dessas proibições busca compreender as estratégias adotadas pelos editores frente à Censura.

Palavras chave: literatura, censura, Brasil, década 1970.

Observação inicial

Devido a duas de suas características: 1) o fato de o livro ser um espaço privilegiado para consolidação, manutenção e transmissão de cultura e 2) o fato do livro ser um instrumento básico na educação escolar formal, as atividades editoriais sempre foram perpassadas por questões de políticas estatais. Esse fato indica que todos os trabalhos apresentados no Núcleo de Pesquisa Produção Editorial e História do Livro ao menos tangencialmente tocaram no tema do Estado: tato do Estado enquanto promotor do livro e da leitura, quanto do Estado enquanto controlador, diretor e coibidor da livre circulação de livros. Esse texto se encaixa na segunda vertente: ele a borda um caso específico de censura durante a Ditadura Militar brasileira.

Introdução

Uma das primeiras providências da maioria dos regimes autoritários é censurar a liberdade de expressão e opinião – uma forma de dominação pela coerção, limitação ou eliminação das vozes discordantes. Telejornais, jornais, revistas, livros costumam ser alvos de atos de censura.

Na Ditadura Militar brasileira, a censura prévia para livros, jornais e periódicos foi regulamentada pelo Decreto-lei 1077/70 assinado pelo então presidente Emílio Garrastazu Médici, atribuindo esta função ao Ministério da Justiça.

Embora a regulamentação da censura prévia tenha se dado somente em março de 1970, na prática, jornais e periódicos já estavam sendo censurados há muitos anos. A censura a impressos durante a primeira fase da Ditadura Militar (1964-1968) foi marcada por uma atuação confusa e multifacetada e pela ausência de critérios: não são poucos os relatos de “batidas” policiais em gráficas e editoras, apreensão e confisco de exemplares em editoras e livrarias e coerção física a editores.

Citemos alguns fatos: um editorial que seria impresso nos jornais *O Estado de S. Paulo* e *Jornal da Tarde* em 13 de dezembro de 1968 gerou a apreensão dos exemplares ainda nas máquinas impressoras, iniciando um processo tumultuado de censura que culminou com a presença de censores diretamente na redação do jornal *O Estado de S. Paulo* de 1972 a 1975.¹ A revista *Veja* também foi informada, em dezembro de 1969, que, semanalmente, deveria submeter um exemplar impresso para exame por um determinado militar, que liberaria ou suspenderia a circulação daquela edição.²

Durante a vigência da censura, um dos tópicos censurados era a existência da censura. “A existência da censura prévia à imprensa era vista pelo regime como algo proibido de ser mencionado. Sendo de conhecimento notório de um público restrito, determinava um pacto mantido em segredo mas não em total sigilo”.³ Impedidos de noticiar que haviam sido censurados, os jornais recorriam a expedientes como, nos espaços em que as matérias tiveram que ser suprimidas, publicar receitas culinárias, poemas ou tarjas pretas. A partir de 26/07/1974 o jornal *O Estado de S. Paulo*, que já publicara poesias várias no lugar das matérias censuradas, passou a publicar trechos de *Os Lusíadas*, de Camões, nesses espaços – foram mais de 600 ocasiões em que isso se deu⁴. Indicando as lacunas deixadas pela ação da censura, o *Jornal da Tarde* publicava receitas culinárias, a revista *Veja* figuras de demônios, *A tribuna da Imprensa*, no Rio de Janeiro, mantinha os espaços em branco e os semanários *Opinião* e *Manuscrito* publicavam tarjas pretas⁵.

Por duas vezes os textos que obtiveram a primeira colocação nos Concursos Nacionais de Contos Eróticos promovidos pela revista *Status* foram vetados pela censura prévia. A primeira vez, no 1º Concurso, em julho de 1976, o primeiro colocado foi “Mister Curitiba”, de Dalton Trevisan (que concorreu com o pseudônimo João Maria) e a segunda vez, no 3º Concurso, em julho de 1978, o primeiro colocado foi “O cobrador”, de Rubem Fonseca. Nas duas ocasiões a revista adotou estratégias

¹ “É permitido proibir”, jornal *O Estado de S. Paulo*, 13/03/2004, H8.

² Gaspari, Elio, *A ditadura escancarada*. São Paulo, Companhia das Letras, 2002, p. 169.

³ Kushnir, Beatriz, *Cães de Guarda*. São Paulo, Boitempo/ FAPESP, 2004, p.42.

⁴ Ver: livreto que acompanha a edição facsimilada de *Os Lusíadas* anexada à revista *A Revista*, número 7.

⁵ Ver: Camões, *Os Lusíadas*, livreto que acompanha a edição facsimilada anexada à revista *A Revista*, número 7, São Paulo, Takano Editora Gráfica, 2002, p.13.

diferentes frente ao veto. Na primeira delas, o índice informava a premiação e remetia para a página onde estaria o conto, ao chegar na referida página o leitor encontrava apenas uma charge. Na segunda delas, em 1978, na página indicada no índice como sendo aquela em que o leitor encontraria o referido conto há uma foto do autor e uma explicação que “motivos alheios à decisão do Júri e à vontade da redação de *Status* impedem que o público tome conhecimento do texto premiado”, e publica-se outro conto do mesmo autor. Vejamos essa história mais de perto.

A revista *Status* e seu concurso de contos eróticos

Status era uma revista para público masculino adulto - algumas capas trazem grafada a indicação “Revista Masculina da Editora Três”, outras salientam “Leitura para adultos”. O primeiro número da revista *Status* foi publicado em agosto de 1974. No editorial deste número explica-se o porquê dessa denominação: “Há sempre o grande perigo de se entender mal o que as palavras significam (...) *Status* significa educação, categoria, saber viver. Significa conquista. Nem sempre significa dinheiro, mas significa sempre respeito, posição. (...) Com a firme intenção de fazer ver o que de bem, de inteligente, de certo o homem deve conhecer. Os Editores”.

Status antecedeu, por doze meses, outra revista também destinada ao público masculino adulto: a revista *Homem*, publicada pela Editora Abril, em 1975. A revista *Homem* era um similar nacional da *Playboy* norte-americana, mas não foi lançada com esse título pois senão “atrairiam ainda mais a ira da Censura”⁶. Em 1978, depois de perder o direito de usar o título *Homem* por já ter sido previamente registrado pela Editora Três e de conseguir um acordo com o editor norte-americano da *Playboy*, a revista *Homem* altera seu título para *Playboy*. *Status* e *Playboy* concorriam nas bancas com outras revistas de mesmo perfil, entre as quais a veterana *Ele Ela* publicada desde 1969.

Na revista *Status*, desde o primeiro número havia uma seção denominada ‘Ficção’ em que se publicava uma novela ou um conto. Os textos em ‘Ficção’ eram relativamente longos, cerca de 6 a 12 páginas, e geralmente havia uma chamada a respeito na capa. Alguns dos primeiros autores publicados nesta seção foram: Scott Fitzgerald, Philip Roth, Ray Bradbury, Julio Cortazar e Tennessee Williams.

Além da seção ‘Ficção’ havia sempre, na seção de crítica, um curto texto indicativo de um ou mais livros. Em alguns números, além da seção ‘Ficção’ havia também a publicação de algum outro

⁶ Ver: Conti, Mario Sergio. *Notícias do Planalto*. A imprensa e Fernando Collor. São Paulo, Companhia das Letras, 1999, p. 148

texto literário: no número 4 encontra-se uma seleção de seis cartas de amor de Graciliano Ramos para sua segunda esposa, e no número 15 foi publicado um conto de Ignácio de Loyola (“Rosajeine tira a roupa”) que a revista informa ter sido escrito especialmente para aquela edição.

No número 20, de março de 1976, a seção ‘Ficção’ apresenta um conto de Ivan Ângelo e anuncia o lançamento de um grande concurso: ‘*Status* lança um concurso literário diferente - Prêmio *Status* de literatura erótica brasileira’. Explica-se, a seguir, que o concurso será anual e que os resultados serão divulgados sempre no mês de julho, e que no mesmo mês do anúncio dos vencedores o primeiro colocado daquele ano seria publicado na revista. O regulamento anuncia também os prêmios. O primeiro lugar receberia uma passagem de ida e volta para a Europa e Cr\$25.000,00.

Na edição de julho de 1976 (número 24), apesar de no índice haver a indicação da publicação do primeiro colocado do Prêmio *Status* daquele ano, no caso, *Mister Curitiba*, de Dalton Trevisan, o que se via nas páginas indicadas eram anúncios e piadas.

Explicando: na página 3 da edição de julho de 1976, no índice está escrito: (página) 87 Concurso – “A comissão julgadora do 1º. Concurso Nacional de Contos Eróticos, depois de várias reuniões, revela os cinco premiados”. (página) 88 “Dalton Trevisan. O ganhador do concurso e seu conto *Mister Curitiba*”. Na referida página 88, o leitor encontra, de fato, uma ilustração cômica. Neste desenho vê-se duas jovens, vestidas com roupas do fim do século XIX, uma delas utiliza uma armação para aumentar os quadris e a outra utiliza o mesmo tipo de na barriga disfarçando a gravidez. A primeira jovem pergunta para a outra: “Você não acha que, mais cedo ou mais tarde, papai vai perceber?” enquanto o pai de ambas olha distraído pela janela. Nas três páginas seguintes, espaço presumivelmente reservado para o conto suprimido, encontra-se material publicitário.

Um leitor escreveu para a revista (número 27, outubro de 1976) : “ficamos (...) decepcionados (...) quando contávamos com a tão desejada apresentação do conto anunciado no índice da revista número 24 – e nas páginas indicadas havia apenas duas piadas e alguns anúncios. Não sabemos o que ocorreu com o conto, (...) se houve alguma falha técnica”. Essa carta foi publicada com o título “que no centenário de *Status* não sejam necessários erros assim”, sem resposta ou demais comentários.

A estratégia de *Status* frente ao veto da censura foi semelhante àquela adotada pelos jornais *O Estado de S. Paulo* ou *Jornal da Tarde* e outros impressos da época, publicar outra matéria visando deixar claro que tal substituição não se deu por conta da redação - como publicar receitas culinárias na primeira página de um jornal diário de prestígio ou trechos de poemas. O risco dessa estratégia é que um

leitor mais desinformado poderia pensar que se tratava realmente de um erro gráfico, um empastelamento. (Há várias histórias relatando de leitores que ligavam para as redações reclamando pois tentaram fazer as receitas culinárias indicadas e o resultado não tinha sido satisfatório.)

Em 1977, no 2º. Concurso Status de Literatura Erótica Brasileira, os vencedores foram: 1) Luis Fernando Emediato, *Vegetal*; 2) Regina Célia Colônia, *Sob o pé de damasco, sob a chuva*; 3) Sonia Coutinho, *Cordélia, a caçadora*; 4) Edla Van Steen, *Um dia em três tempos*; 5) Aécio Flávio Consolim, *Sob o sol*. Ao anunciar os vencedores, a revista informa que houve 2000 inscritos. Não houve problemas na publicação desses contos.

Em 1978, mais uma vez o conto vencedor, no caso “O cobrador”, de Rubem Fonseca foi vetado pela censura prévia. Em 1978, na edição de julho, de número 48, a capa indica “150 mil para o vencedor do Prêmio Status de literatura brasileira: Rubem Fonseca”; no índice está assinalado: (página) 127 “O resultado do maior concurso literário da América Latina, o de Status, e o conto vencedor de Rubem Fonseca”. Na página 127 fala-se do concurso, informa-se que o valor de Cr\$ 150 mil é o maior prêmio literário da América do sul, de sua comissão julgadora e do resultado. Nas páginas 128-129 há uma ilustração para o conto “O Cobrador” e indica-se que ele havia sido o vencedor. No entanto, na página 129 lê-se, em maiúsculas a seguinte chamada: “AQUI DEVERIA ESTAR O CONTO PREMIADO. EM SEU LUGAR UMA EXPLICAÇÃO. E UM OUTRO CONTO DO MESMO AUTOR.” A seguir, o texto explicativo:

“Você deveria estar lendo agora *O Cobrador*, um conto de Rubem Fonseca, que concorreu com o pseudônimo de Joaquim Araújo e que, por unanimidade de votos da Comissão Julgadora, recebeu o Prêmio Status de Literatura Brasileira 1978, um prêmio de Cr\$ 150.000,00 maior do Brasil e de toda a América Latina. Infelizmente, motivos alheios à decisão do Júri e à vontade da redação de Status impedem que o público tome conhecimento do texto premiado de um dos maiores escritores brasileiros. A redação de Status espera poder, um dia, ter o direito – como tem atualmente *quase* toda a imprensa brasileira – de decidir, soberanamente, sobre os textos que gostaria de colocar nas páginas da revista. Entretanto, para não frustrar a expectativa dos nossos leitores, publicamos (...) um outro conto inédito – *Mandrake* – de Rubem Fonseca (...).”

A estratégia usada pela revista Status frente ao veto da censura ao primeiro colocado no seu Concurso de Contos em 1978 foi diferente da adotada em 1976. Em 1978 a revista optou por tornar claro que a redação foi impedida de “decidir soberanamente sobre os textos que gostaria de colocar nas páginas da revista”. A revista informa também que outro livro de Rubem Fonseca, *Feliz Ano Novo*,

estava “proibido de circular em todo o território nacional, por portaria do Ministério da Justiça”. A estratégia da revista foi diferente por que os tempos eram outros – em 1978 o País já estava em pleno processo de “desmonte da ditadura”⁷, às vésperas do fim da vigência do Ato Institucional número 5, e, como o próprio texto explicativo salienta, naquele momento “*quase* toda a imprensa brasileira” tem o direito “de decidir, soberanamente, sobre os textos” que publica. Mesmo assim, de alguma forma, a revista se viu forçada a divulgar outro resultado no número seguinte.

Os contos “Mister Curitiba” e “O cobrador” em livros

Caracterizado como uma narrativa curta, o conto, ensina-nos Alfredo Bosi, pode ser um “lugar privilegiado em que se dizem situações exemplares vividas pelo homem contemporâneo”. Na busca destas “situações exemplares”, o contista é comparado por Bosi a um pescador: “Em face da História, rio sem fim que vai arrastando tudo e todos no seu curso, o contista é um pescador de momentos singulares cheios de significação.”⁸

Na década de 1970 o conto destaca-se como uma das principais formas da narrativa ficcional. Chega-se a afirmar que o conto seria “a forma narrativa principal” da produção literária daquele momento⁹. Dalton Trevisan é um dos principais contistas brasileiros.

Dalton Trevisan é “contista e só contista (...) tendendo à síntese e ao miniconto, numa das carreiras literárias mais ricas da literatura brasileira”.¹⁰

Dalton Trevisan começou sua atividade literária publicando alguns contos em forma de folheto e fundando, em Curitiba, em 1946, a revista *Joaquim*. Foi a partir de *Novelas nada exemplares*, publicado em 1959, que “sua obra passa a ter repercussão nacional”.¹¹ Ao ser lançado, pela Editora José Olímpio, o livro *Novelas nada exemplares* mereceu uma resenha, publicada em 25 de julho de 1959, no “Suplemento Literário” do jornal *O Estado de S. Paulo* elaborada por Paulo Hecker Filho. Essa resenha refere-se a um texto em que Otto Maria Carpeaux teria falado bastante bem do livro “a despeito da aparência”, ou seja, apesar do título: “Pretensão sem surpresa”. Segundo Paulo Hecker Filho, Carpeaux teria enfatizado o fato de Dalton Trevisan referir-se no título de seu livro a *Novelas exemplares*, de

⁷ Ver: Gaspari, Elio, *A ditadura derrotada*, São Paulo, Companhia das Letras, 2003, ps.15-19.

⁸ Bosi, Alfredo (org.). *O conto brasileiro contemporâneo*. São Paulo, Ed. Cultrix, s/d, ps. 8 e 9.

⁹ Equipe Técnica de Pesquisa de Literatura CCSP. *Cronologia das artes em São Paulo 1975-1995*: Literatura. São Paulo, CCSP, 1996, p. 25.

¹⁰ Coutinho, Afrânio e Souza, J. Galante. *Enciclopédia de Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro, Biblioteca Nacional, 2001, vol. II, p. 1584.

¹¹ Bosi, Alfredo (org.). *O conto brasileiro contemporâneo*. São Paulo, Ed. Cultrix, s/d, p. 185.

Miguel de Cervantes, e visto aí uma manifestação de pretensão. Paulo Hecker vê, nesse título, “um divertido achado verbal”.

Em 1976, ou seja, ao ter seu conto “Mister Curitiba” vetado para publicação na revista *Status*, Dalton Trevisan já era um contista conhecido e já havia publicado outros nove livros.

O conto “Mister Curitiba” relata as falas de um homem adulto casado e uma jovem durante o ato sexual. Esse texto pode ser lido à luz das anotações de Alfredo Bosi sobre Dalton Trevisan: “Aqui, a obsessão do essencial parece beirar a crônica, mas dele se afasta pelo tom pungente ou grotesco que preside à sucessão de frases, e faz de cada detalhe um índice do extremo desamparo e da extrema crueldade que rege os destinos do homem sem nome da cidade moderna”.¹²

Rubem Fonseca estreou em livro, em 1963, com *Os prisioneiros*, reunião de 12 contos. “Halterofilistas, marginais, ninfomaníacas, burguesia ociosa são os personagens de Rubem Fonseca que domina com o maior vigor a linguagem literária, enriquecida pelo falar carioca da gíria de rua”.¹³

Antonio Candido localiza Rubem Fonseca, juntamente com João Antonio, na vertente ultra-realista, ou de “realismo feroz” da literatura nacional pós- 1960:

“Esta espécie de ultra-realismo sem preconceitos aparece igualmente na parte mais forte do grande mestre do conto que é Rubem Fonseca. Ele também agride o leitor pela violência, não apenas dos temas, mas dos recursos técnicos – fundindo ser e ato na eficácia de uma fala magistral em primeira pessoa, propondo soluções alternativas na seqüência da narração, avançando as fronteiras da literatura no rumo duma espécie de notícia crua da vida”.¹⁴

O conto “O cobrador”, de Rubem Fonseca, é um relato em primeira pessoa. Trata-se de uma narrativa, no tempo presente, na voz de um jovem excluído economicamente, de “físico franzino”, com cicatrizes pelo “corpo todo”, com “poucos dentes” (“se não fizer um tratamento rápido vai perder todos os outros”) e que estudara no “mais noturno de todos os colégios noturnos do mundo”. Este jovem excluído autodenomina-se “O Cobrador” e declara que vai cobrar o que lhe devem e, constata: “estão me devendo comida, buceta, cobertor, sapato, casa automóvel, relógio, dentes”... “Tão me devendo colégio, namorada, aparelho de som, respeito, sanduíche de mortadela no botequim da rua Vieira

¹² Bosi, Alfredo (org.). *O conto brasileiro contemporâneo*. São Paulo, Ed. Cultrix, s/d, p. 17.

¹³ Coutinho, Afrânio e Souza, J. Galante. *Enciclopédia de Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro, Biblioteca Nacional, 2001, vol. I, p. 722.

¹⁴ Candido, Antonio. *A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo, Ed. Ática, 1987, p. 211.

Fazenda, sorvete, bola de futebol”. Este personagem-narrador, através de atos de extrema violência, executa aquilo que ele vê como sendo esta cobrança.

É importante assinalar que, no ano seguinte de seus respectivos vetos pela Censura para publicação na revista *Status*, os contos “Mister Curitiba” e “O cobrador” foram publicados em livros e esses não foram interditados pela censura. “Mister Curitiba” foi publicado no livro *A trombeta do anjo vingador*, pela Edita Codecri, em 1977, na coleção Edições do Pasquim, e o conto “O cobrador”, de Rubem Fonseca foi publicado em livro de mesmo nome pela editora Nova Fronteira em 1979. Tanto a Editora Nova Fronteira quanto a Editora Codecri eram, no momento, empresas de impacto no mercado editorial e de grande visibilidade.

O fato dos contos “Mister Curitiba” e “O cobrador” terem sido vetados pela censura para publicação em revista mas não o terem sido para publicação em livro é um exemplo concreto de que a Censura durante a Ditadura Militar teve atuações diferenciadas, não só nos diferentes períodos como também em relação aos diversos meios de comunicação. Os casos acima descritos exemplificam, nos meios impressos, como a atuação da censura foi mais rígida em relação a jornais e revistas do que em relação a livros.

Casos como esse parecem indicar que havia uma escala de hierarquização da censura que gerava atuações diversas em virtude do potencial impacto da produção em questão. Essa hierarquização se daria em dois níveis: um primeiro nível, em relação aos meios de comunicação (televisão, cinema, rádio, imprensa) e, um segundo nível de hierarquização por produções específicas de cada um dos diversos meios de comunicação. Na somatória desses fatores resultava que quanto mais público uma determinada produção cultural pudesse ter mais ela seria “alvo” da censura. No caso em questão, *Status*, naquele momento uma das principais revistas do País era, sem dúvida, muito mais lida que a maioria absoluta dos livros nacionais de ficção¹⁵.

¹⁵ O Anuário Brasileiro de Mídia Anuário Brasileiro de Mídia , dos anos de 1975/1976, ed. Três, pg. 268 – informa que a circulação total (assinatura mais venda) da revista *Status* era de 95.0000 exemplares. O Anuário Brasileiro de Mídia ,anos 1977/1978, ed.Publiform, não informa a circulação total da revista *Status* mas indica que circulação das *Status Especiais* era de 80.0000 exemplares. O editor das *Status Especiais* era Ignácio de Loyola Brandão.